

URBANIDADES, RURALIDADES, METROPOLITANIDADES E GLOBALIDADES NO RURAL:

Uma análise a partir de localidades rurais de Nova Friburgo - RJ

Joana Cruz de Simoniⁱ

Doutora em Geografia
PUC-Rio

Resumo

Neste trabalho objetiva-se apontar algumas evidências de “urbanidades no rural”, ultrapassando uma análise dicotômica (ou setorizada) do espaço. Se demonstrará, a partir da análise de localidades rurais de Nova Friburgo (RJ), como o espaço rural está permeado de urbanidades, metropolitanidades e globalidades. Para isso, em um primeiro momento se traçará um pequeno debate concernindo as noções de campo, rural, ruralidades, urbano, cidade e urbanidades, nos encaminhando para a noção de um espaço integral/integrado. Em seguida, nos debruçaremos sobre o caso friburguense, onde serão apresentadas e discutidas diversas evidências das urbanidades no rural de Nova Friburgo, como foco naquelas mobilizadas pelas Tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Palavras-chave: Rural, Urbanidades no rural, Metropolização do espaço.

URBANITIES, RURALITIES, METROPOLITANITIES AND GLOBALITIES IN THE RURAL: AN ANALYSIS FROM RURAL LOCATIONS IN NOVA FRIBURGO – RJ

Abstract

This article aims to point out some evidence of some “urbanities in rural areas”, going beyond a dichotomous (or sectorized) analysis of space. It will be demonstrated, from the analysis of rural locations in Nova Friburgo (RJ), how the rural space is permeated with urbanities, metropolitanities and globalities. For this, in a first moment, a debate will be drawn up concerning the notions of field, rural, ruralities, urban, city and urbanities, leading us to the notion of an integral / integrated space. Then, we will focus on the case of Nova Friburgo, where various evidences of urbanities in rural areas will be found and discussed, focusing on those mobilized by Information and Communication Technologies (ICTs).

Keywords: Rural, Urbanities in rural areas, Metropolization of space.

ⁱ *Endereço institucional:*

Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.

Endereço eletrônico:

joana.simoni@gmail.com.br

Introdução

Uma análise sobre o espaço, independente dos aspectos ressaltados ou perspectivas privilegiadas, sempre tangencia (ao menos) as relações deste com a terra, o capital e o trabalho. Neste sentido, o debate do urbano e do rural, de urbanidades e ruralidades e de cidade e campo, perpassa, necessariamente, pelos três termos citados. Por que se diferenciou, em certo momento, o espaço rural do espaço urbano? Decerto, as diferentes relações com a terra, com a (re)produção do capital e com a (exploração da) força de trabalho ensejaram na produção destes espaços com funções, características, cotidianos e, possivelmente, paisagens distintas.

Do ponto de vista da análise socioespacial, no entanto, todas estas distinções devem ser colocadas em suspeição; em outras palavras: devem ser analisadas sob a dinâmica da fluidez que é inerente ao espaço e às relações sociais na contemporaneidade. Assim, o que outrora poderia ser visto enquanto uma realidade socioespacial dual (rural-urbano; cidade-campo), hoje exige novos olhares, sob a égide dos processos de metropolização, globalização e reestruturação produtiva no/do espaço.

Assim, pensar a noção de rural pautando-se sobre a dimensão do agrícola/agrário nos dias de hoje produziria o mesmo efeito que pensar, por exemplo, em uma terceira categoria de grandes parques industriais. Tanto do ponto de vista das paisagens como da lógica e da dinâmica de vida (relações socioespaciais), a vida urbana – e, em especial, a urbano-metropolitana – distancia-se tanto de um pequeno aldeamento rural quanto de um moderno complexo industrial, como, por exemplo, de portos ou distritos industriais. Os espaços rurais, por sua vez, veem-se integrado aos espaços urbanos, ainda que hierarquicamente posicionados “abaixo” desses.

Neste trabalho¹ objetiva-se apontar algumas evidências de processos, que exige, portanto, ultrapassar essa análise dicotômica (ou setorizada) do espaço. Se demonstrará, a partir da análise de localidades rurais de Nova Friburgo (RJ), como o espaço rural está permeado de urbanidades, metropolitanidades e globalidades. Para

¹ Este trabalho expõe uma síntese de alguns resultados da pesquisa de doutorado da autora (SIMONI, 2019), apresentada no Encontro de Egressos da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio, em setembro de 2020.

isso, em um primeiro momento se traçará um pequeno debate concernindo as noções de campo, rural, ruralidades, urbano, cidade e urbanidades, nos encaminhando para a noção de um espaço integral/integrado. Em seguida, nos debruçaremos sobre o caso friburguense, onde serão apresentadas e discutidas diversas evidências das urbanidades no rural de Nova Friburgo, como foco naquelas mobilizadas pelas Tecnologias de informação e comunicação (TICs).

Rural, ruralidades, urbano e urbanidades: contornos de um debate que se complexifica

Há aspectos num pequeno aldeamento rural que podem aproximá-lo da vida urbana (ou de sua representação): sociabilidade e encontro, troca de bens e serviços (ainda que em menor escala). Há, também, aspectos que os distanciam dela – e que estariam presentes, por exemplo, num grande parque industrial: ambiente fortemente artificializado; conectividade com outros equipamentos urbanos; presença de infraestrutura urbana moderna. No entanto, nesses também estariam ausentes o lugar da moradia, do encontro, da festa e outras manifestações espontâneas de urbanidade e do cotidiano urbano.

Assim, a partir dessa exposição – dada como um exemplo, não sendo o único – buscamos demonstrar a ineficiência de uma análise ou categorização funcional desses lugares. Pensar o rural enquanto estritamente agrícola é inócuo do ponto de vista da compreensão da relação entre o cotidiano e o espaço nesses lugares. É, também, inócuo do ponto de vista de seu planejamento ou promoção de políticas públicas – o que não exclui a possibilidade (e necessidade) de se pensar em políticas específicas para o agrícola ou o agrário (mas, aqui, notamos novamente: o mesmo pode ser feito para o industrial).

Nos aproximamos de Graziano da Silva (1997, p.8) quando este salientava que “[...] está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano” e que “do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária”. Interessante notar, no entanto, que, para o autor, o tema sequer é relevante – e aqui é onde nos afastamos de sua perspectiva –, a partir do momento em

que ele conclui que “a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um *continuum* do urbano do ponto de vista espacial” (idem).

Neste sentido, nos alinhamos à perspectiva trazida por Rua (2014), quando assinala que não devemos mais nos valer de uma interpretação de um rural setorizado ou percebido somente como um rural-agrícola-pecuário-extrativista; e sim como:

parte(s) da totalidade-espaço, ou, como passamos a referir, formas-conteúdo integradas a uma única espacialidade na qual as distinções (entre urbano e rural) são cada vez menos percebidas, na medida em que a mesma lógica capitalista integra, contraditoriamente e complementarmente, todo o espaço (RUA, 2014, p.3).

Esse integrar do espaço, que nos coloca, de certa forma, frente a uma única espacialidade, não corresponde à metáfora de um *continuum* espacial, onde o urbano espalhar-se-ia e englobaria, mais cedo ou mais tarde, todos os espaços, num movimento quase uniforme.

Os resultados da presente pesquisa, que se apresentarão brevemente na próxima seção, denunciam, de certa forma, a impertinência conceitual desta proposta. Os espaços estão, sem dúvida, cada vez mais sob o comando de urbano-metropolitanidades. As urbanidades no rural, dadas as múltiplas escalas pelas quais permeiam o espaço, influenciando-o e transformando-o, hoje podem ser pensadas em termos de urbanidades, metropolitanidades, globalidades e, ainda, ruralidades nestas localidades. Isto não ocorre de forma homogênea e, podemos levantar a embasada hipótese de que não levarão à urbanização (enquanto forma) completa do território.

Conforme propõe Lencioni (2015, p. 8), “a antiga distinção entre campo e cidade, tão clara no passado, torna-se mais embaciada e, onde faz-se ainda nítida, ganha opacidade quando se examina o comportamento social pautado por um modo de ser que emana da metrópole e invade o campo”. Falar em campo e cidade buscando defini-los com critérios formais e não relacionais perde cada vez mais o sentido, tanto do ponto de vista analítico (posto que o processo de metropolização abarca,

multiformemente, todos os espaços), quanto no que tange ao planejamento e organização territorial.

Além disso, os fenômenos de “migração por estilo de vida ou amenidades” (HIDALGO; ARENAS, SANTANA, 2016), ou, ainda, as formas cada vez mais transformadoras (da lógica espacial e do cotidiano) de se fazer turismo em espaços rurais, não deixam negar a relação indissociável entre rural e urbano. Exige-se, assim, outros modos de se pensar essa(s) geografia(s). Alguns enfoques, como o de Salazar, Hidalgo e Paéz (2011) – que alvitram uma tipologia de gradientes de ruralidade, onde a relação com o urbano é central – ou Rua (2006, 2014) – que propõe um diálogo entre o urbano e o rural, através da análise das urbanidades no rural – permitiram compreender a complexidade (e a multiescalaridade) das transformações das práticas espaciais, das representações dos espaços rurais friburguenses e dos seus espaços de representação.

Tal qual o cidadão do capitalismo comercial não é o mesmo – em seus hábitos, na paisagem que o cerca, na sua relação com o espaço e as técnicas – também não o é o morador do espaço rural o mesmo daquele descrito pela representação do camponês clássico (ou os diferentes povos rurais brasileiros – dentre os quais estão os ribeirinhos, os quilombolas, os caiçaras, dentre outros).

Urbanidades, metropolitanidades, globalidades e ruralidades no rural friburguense

A leitura mais aprofundada do processo histórico de produção do espaço rural friburguense leva à constatação de que, de certa forma, encontramos-nos diante da manutenção (e atualização) de um projeto antigo – e colonizador. Colonizador de territórios, de seus modos de produção (e produção do espaço). A tríade lefebvriana do espaço hierarquizado-fragmentado-homogeneizado (2008) colabora para a compreensão desse processo: a metropolização do espaço imprime a estas localidades rurais a contraditória dinâmica de produção de diferenças – não há dúvidas, estamos em um lugar ímpar, que não é a metrópole carioca – e a produção de desigualdades (uma precarização, por vezes, projetada – através de representações de um espaço rural preservado ou atrasado, a depender da lente que se observa). Instala-se, assim,

a hierarquização e fragmenta-se o espaço. Produz-se a diferença, a desigualdade e, ao mesmo tempo, a identidade, o igual.

O processo homogeneizador, atualização do projeto colonizador (uma ocidentalização do espaço), vê-se, ainda, em curso. É o que Mayer concluíra, em 2003, ao analisar o processo histórico de chegada de colonos europeus nas terras brasileiras e, em específico, em terras friburguenses:

Se de um lado a implantação de colônias baseadas na pequena propriedade pode ser vista como a aplicação de uma reforma agrária mediante a qual terras devolutas ou fazendas improdutivas deram origem a viabilização de núcleos humanos, por outro há que se examinar o processo histórico pelo qual se engendraram carências educacionais, grandes problemas de saúde, marginalização no plano da cidadania. E mais, cercados muitas vezes de uma exuberante natureza, os colonos e seus descendentes não só limitaram sua produção e consumo a alguns poucos produtos como tem agido de forma predatória, fazendo largo uso da antiga coivara. E mais modernamente estão se perdendo conhecimentos adquiridos sobre o patrimônio florestal em troca de uma total subordinação aos produtos veiculados pela indústria alimentar, farmacêutica, amplamente propagandeados pela mídia (p. 81).

A proposta de colonização suíça em Nova Friburgo agradava pois, dentre outros, ia ao encontro de um projeto de europeização do Brasil. Dava-se início a um longo projeto – ainda em curso – de desenvolvimento, rumo à modernidade ocidental. Há de se ter em mente, assim, que o desenvolvimento se constitui como uma categoria fundamental da modernidade. Categoria esta que tem dificuldade, por assim dizer, em lidar com a diversidade. Suas pretensões limitam as possibilidades de reconhecimento dessa diferença; e, em um discurso eminentemente neoliberal, o outro (aqui, o que foge ao padrão moderno/racional) pode até mesmo ser reduzido a um “consumidor diferenciado”, conforme aponta Little (2002).

Assim, alguns pensadores remontam esta discussão ao processo histórico de colonização. O próprio modelo de desenvolvimento – e sua base racional/moderna – seriam heranças deste processo. Quijano (1992), por exemplo, traz a ideia de que não há a modernidade, senão para alguns – de cultura europeia – e, aquelas sociedades cujas culturas não passaram pelo processo de transição (tão óbvia e desejável, segundo o ponto de vista daqueles) do “tradicional” para o “moderno”, estão, ainda, em um momento de colonialidade cultural. A análise abaixo traz nuances ainda mais perversas deste processo:

Deste modo, como bem expõe Quijano (1992, p. 438), “a repressão recaiu sobre os modos de conhecer, de produzir conhecimento, de produzir perspectivas, imagens, sistemas de imagens, símbolos, modos de significação; sobre os recursos, padrões e instrumentos de expressão formalizada e objetivada, intelectual ou visual”. Neste ponto, podemos elencar mais um novo formato dessa colonização, relacionada à presença das TICs nos lugares rurais friburguenses. Thompson (2008), destacava como as mídias massivas são um elemento-chave para a expansão do projeto modernizante a nível global. Conforme discutimos no capítulo anterior, a partir da constante conectividade e rastreabilidade (agora, não mais exclusivas dos ambientes urbano-metropolitanos, como vimos) há um efeito “similar ao ciclo colonial, durante o qual se exportavam produtos de baixo valor agregado e se importavam bens de consumo acabados” (WENTZEL, 2019).

Castells (2003) já sinalizava como “o uso da internet está se difundindo rapidamente, mas essa difusão segue um padrão espacial que fragmenta sua geografia segundo riqueza, tecnologia e poder: é a nova geografia do desenvolvimento”; ao passo em que “não existe nenhuma indústria ou empresa absolutamente virtual” (SASSEN, 2007). Ampliamos a afirmação (intrinsecamente presente nesta apresentada por Sassen), ao afirmar que não há um espaço absolutamente virtual – ou absolutamente físico, da mesma forma. Nos deparamos, ao investigar os lugares rurais friburguenses, com uma produção do espaço (e do social) que se dá a partir de uma construção relacional entre essas tecnologias – ou seja, a presença da virtualidade – e uma vida cotidiana atrelada a características específicas, não urbanizadas, mas repletas de urbanidades e ruralidades.

Assim, o espaço friburguense se transforma a partir da presença de antigos e novos moradores, turistas e moradores temporários, empresas locais e globais, instituições governamentais, técnicas (como diria Santos, 1996, “existem todas as empresas, existem todas as instituições, e todos os homens juntos existem” e são eles que produzem o espaço). Para usar a metáfora da entropia, no cenário da chaleira que esquentava o ambiente ao passo em que se esfria, nos parece que, ainda que sigam trocando calores, há temperaturas bem diferentes em cada um dos polos. Sobre isso é interessante ressaltar também que a metáfora nos é útil sob o prisma da troca

mútua, mas, nunca, sobre o seu resultado: não haverá o momento em que chegamos a uma temperatura homogênea.

A noção de entropia, talvez, nos inspire a visualizar esse processo sob o seguinte ângulo: algo que ao se modificar, promove modificações, instalando uma desordem. E, tal qual prevê esse princípio, tais modificações são irreversíveis. A metropolização do espaço, assim, ajuda a compreender essa transformação que, embora multidirecional (e desordenada e irreversível) nunca se completa em diluir as especificidades – são, também esses espaços, “terrenos do possível”.

Por exemplo, ao analisarmos os projetos para o rural friburguense, notadamente a partir da formulação e atualização de seu plano diretor – que contou com dinâmicas ditas participativas – notamos ali confrontos entre as representações das localidades rurais de Nova Friburgo e os espaços de representação de seus habitantes, os antigos moradores e, por vezes, os novos moradores. A questão ambiental, por exemplo, expõe essas múltiplas perspectivas sobre o lugar rural, além de carregarem, consigo, uma série de códigos e demandas (muitas vezes, urbanas) que, em última análise, provocam transformações espaciais – veja-se o desencorajamento ou a mudança de práticas de alguns produtores, decorrentes desse processo de normatização do espaço. Dentre os exemplos que demos ao longo do trabalho, são muitos outros possíveis que demonstram o jogo escalar de produção do espaço – e, também, do lugar rural. Como exemplo, podemos avaliar a presença de uma demanda global que atravessa esses lugares a partir de conexões com estruturas supralocais, como o BIRD/Banco mundial, que subsidiam ou financiam uma série de iniciativas locais.

Encontramo-nos, portanto, frente àquilo que Graham e Marvin (2002) destacam como um “voar em estilhaços” da metrópole, que, aqui, chamamos de metropolização do espaço. As (constantes) transformações sociotécnicas desempenham papel fundamental nesse processo, o que se demonstra através de múltiplas escalas nas localidades rurais pesquisadas.

Assim, a dicotomia cidade-campo passa cada vez mais à centro-periferia, exceto que não se trata de uma conotação formal estrita dos termos centro e periferia. Trata-se de sua noção ampliada, onde o centro não necessariamente está no centro

(geométrico) e a periferia no seu entorno. O centro tão pouco é uno ou tem seus limites bem delineados. Trata-se, sim, da produção de desigualdades que comporta conteúdos de centro e periferia enquanto marca principal – embora haja, também, a manutenção de ruralidades e urbanidades.

A manutenção dessa contradição, assim, nos coloca frente a um lugar rural que está na rede (midiatizado) mas não há, necessariamente, uma ruralidade em rede, posto que esse processo é marcado por assimetrias e hierarquias. Há, porém, a formação de uma rede de ruralidades e urbanidades, que, neste complexo processo de interações (mediadas pelas mais diversas técnicas), provocam transformações – em diversas direções – nas paisagens, nas subjetividades, na produção do espaço. Virilio (1993, p.11, grifos do autor) propunha que “com os meios de comunicação instantânea (satélite, tv, cabos de fibra ótica, telemática) a chegada suplanta a partida: tudo chega sem que seja preciso partir”. Seria, portanto, o fim do espaço? A morte da cidade, ou, melhor, do urbano? E o rural, ficaria, mais do que nunca, sem lugar? Em verdade, o que assistimos é um jogo muito mais complexo de transformações nas relações cotidiano-espaço. Como propunha Deleuze (1992, p .223): “não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo”.

Assim, assistimos a um rural que se dinamiza e que, a partir dessas transformações sociotécnicas, não deixa de existir, seja por tornar-se urbano, seja por “desaparecer” frente às novidades trazidas pelas novas tecnologias. O espaço rural, em verdade, vê-se transformado dentro de um processo que se aproxima daquilo que destacou Deleuze no trecho acima – torna-se espaço de expansão do capitalismo, representado, midiatizado, exposto enquanto mercadoria para consumo de elites urbanas.

Por outro lado, é também através dessas entidades sociotécnicas (mas não exclusivamente), que reinventa sua ruralidade, que sugere a possibilidade de uma rede de ruralidades, de (re) criação de laços comunitários; de dinamização de sua economia. Assim, se há um “pressuposto implícito de que a globalização é quase exclusivamente um processo urbano” (MCCARTHY, 2008, p. 130), encontramos, no caminho dessa pesquisa, nuances que nos afastam dessa premissa – embora,

certamente, encontremos evidências de que ela nunca se realiza da forma que se pretende.

A internet, enquanto entidade sociotécnica fundamental desse processo, não aniquilou o espaço. Em verdade, podemos apontar sentido oposto onde, muitas vezes, possibilitou a intensificação do seu consumo (espaço como mercadoria), em nosso caso, multiplicando os mecanismos pelos quais vende (representações do) o rural, redefinindo suas fronteiras e suas relações com o urbano-metropolitano. Molda-se o território para a possibilidade de consumo (virtual e material).

Neste sentido, (e contraditoriamente a um processo de homogeneização) instiga um reforço da experiência do lugar – em específico do lugar “exótico” (aqui, a não-cidade) – para, então, ser representado em forma de imagem, ou espetáculo, na proposta debordiana, através da mediatização do lugar rural. Mantem-se, como demonstra Frago (2008, p. 109), os referentes territoriais (segundo a autora, “a permanência dos referentes territoriais é evidente em muitas interações on-line”), que se demonstram, ainda, centrais para a construção identitária e para a experiência de si e do outro.

Assim, a viagem como exercício do lazer torna-se ainda mais valorizada na cultura da era da comunicação e da informação: a possibilidade de compartilhar – e valorizar – essa experiência é instantânea. Disso não deriva, no entanto, que se deixe de viajar pela possibilidade de “acessar” esses lugares virtualmente (como, por exemplo, pelo mecanismo do Google Streetview ou as tags no Instagram já tão presentes no rural friburguense). Nos instiga Lefebvre (2006):

Mas a cidade se coloca como lugar de reunião do que a envolve, incluindo o natural e o divino, as potências maléficas e as potências benéficas da terra. Imagem do universo (imago mundi), o espaço urbano se reflete no espaço rural que ele detém e contém enquanto tal; ao lado das determinações econômicas, religiosas e políticas, já existe numa tal relação um simbolismo, um aspecto de imagem e de reflexo: a cidade se percebe no seu duplo, sua repercussão, seu eco; ela se afirma contemplando-se do alto de suas torres, de suas portas, de seus sinos, na paisagem que ela modelou: sua obra.

O espaço rural friburguense, é, também uma expansão – não contígua – da metrópole, pelas conexões presentes nos cotidianos, por exemplo, daqueles tantos moradores que lá moram, mas vivem a metrópole: onde trabalham (ainda que à distância), onde consomem (idem), onde possuem laços afetivos e culturais. A

metropolização do espaço dá-se, então, nessa explosão da metrópole também nestes lugares rurais.

Neste ponto, o par dispersão-centralização, apontado como característicos do movimento de metropolização do espaço, demonstra-se presente nas localidades: a presença das técnicas de comunicação e informação se espalha, ao passo em que se centraliza (na metrópole, nas cidades e empresas globais) sua gestão e lucratividade – aqui, os exemplos emblemáticos do Google ou do Airbnb, tão presentes nas localidades rurais friburguenses, ajudam a embasar essa afirmação. Assim, ainda que não se trate de uma concentração territorial tradicional – característica da urbanização clássica –, há, de fato, novos modelos de centralização do comando; tornando ainda mais turvos os limites da metrópole e do rural e urbano. Este processo está, sem dúvida, atrelado à informacionalização dos espaços – as transformações sociotécnicas às quais nos referimos. Borja e Castells (2004) nos sinalizavam desta dinâmica, que integra globalmente o espaço dos fluxos, ao passo que fragmenta o espaço dos lugares.

Se a atividade turística (e as pluriatividades) no rural não são produtos da contemporaneidade (ARRAIS, 2013; HIDALGO, ARENAS, SANTANAS, 2016; GAITAN, RAINER; 2013), elas agora ocorrem intensamente sob essa dinâmica contraditória da dispersão (de novidades sociotécnicas) e a centralização (das unidades de comando e do capital). O turismo, enquanto modalidade central na diversificação de rendimentos do produtor local, vê-se cada vez mais globalizado e midiaticado. Essa midiaticação também permite a dinamização da economia local (pela possibilidade de divulgação, comunicação, negociação) sendo, portanto, uma demanda da população – essa, mais presente que outras infraestruturas básicas (como a pavimentação de vias ou a coleta de lixo).

É neste sentido que um outro par – contraditório – se instala: a inclusão e a exclusão, a presença e a ausência. Ao figurarem na rede, no cyberspaço, esses lugares também se tornam alvo de processos de exclusão, através da “elitização, exclusão, segregação e degradação ambiental” que pode se desenvolver (ou se intensificar) a partir daí (HIDALGO; ARENAS, SANTANAS, 2016, p. 28). Encontramos, no rural friburguense, indícios daquilo que os autores identificaram no caso chileno – a

reafirmação de uma representação do rural como utopia que cria, em verdade, sua antinomia, pela dispersão de novas – sobretudo mediadas pelas TICs – e velhas formas de segregação e elitização dos espaços.

Esse processo pode ser observado internamente ao município se considerarmos que há distintas dinâmicas entre o 3º distrito (majoritariamente agrícola) e o 5º e 7º distritos (o eixo Lumiar-São Pedro da Serra), onde menos de 10% das atividades estão relacionadas ao cultivo. São nesses últimos distritos onde se encontra um contingente significativo de imigrantes – sobretudo da RMRJ – e o grande polo turístico do município. Demonstra-se, assim, aquilo que MacCarthy (2008) apontava como uma “extensão global do processo de transformação dos espaços rurais em mercadoria para as elites”, mas, que ainda assim, tem, como foco, áreas “extremamente localizadas” (op. cit., p. 131) – ou seja, permeadas de representações bastante específicas de ruralidade.

Considerações finais

Assim, considerando que, em nossa perspectiva os espaços estão sempre em transformação, não acreditamos haver uma “invenção de um rural não agrícola” (FERRÃO, 2000). Há, de fato, ruralidade que supera o vínculo (ou a ausência dele) com a atividade agrícola. No entanto, é interessante demarcar como, em nossa pesquisa, identificamos as três das tendências apontadas pelo mesmo autor: a de “renaturalização” (que identificamos tanto na ambientalização dos discursos técnicos como na representação dos turistas); a de mercantilização das paisagens (o consumo do espaço como mercadoria, identificado, sobretudo, na atividade turística e intensificado por meio das TICs) e a procura de “autenticidade”, que leva a uma patrimonialização e eticização dos lugares rurais pesquisados –, encarados, por vezes, como locus de resistência das dinâmicas homogeneizadoras dos processos de globalização. Aqui, mais do que uma “invenção de um rural não agrícola”, pensamos estar frente a um processo de um rural permeado de urbanidades – o que se densifica num espaço em metropolização.

Referências

- ARRAIS, T. A. **Morar na metrópole, viver na praia ou no campo: a segunda residência e o mercado imobiliário**. Goiânia: Editora UFG, 2013.
- BORJA, J. e CASTELLS, M. El Impacto de la era da información sobre la Estructura Social y Espacial de las informaciones. In **Local y Global**. La Gestión de las informaciones en la Era de la información. Madrid Taurus/Pensamiento, 2004. p. 35-74.
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet** — reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. **Conversações: 1972-1990**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 219-226.
- FERRÃO, J. Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro. **EURE**, vol. XXVI, núm. 78, setembro, 2000.
- GAITÁN, M.; RAINER, S. Migración por amenidad y turismo: ¿dinámicas globales en el espacio rural? El caso de Tafi del Valle (Tucumán/Argentina). In: Pasos: **Revista de Turismo y Patrimonio Cultural** 11/4, S. 571 – 582. 2013.
- GRAHAM, S.; MARVIN, S. **Splintering urbanism: networked infrastructures, technological mobilities and the urban condition**. Routledge, 2002.
- GRAZIANO DA SILVA, J. O Novo Rural Brasileiro. **Revista Nova Economia**, Belo horizonte. n. 7, v. 1, p. 43-81, maio 1997. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/congrsem/rurbano7.html>>
- HIDALGO, R., ARENAS, F., & SANTANA, D. ¿Utópolis o distópolis? Producción inmobiliaria y metropolización en el litoral central de Chile (1992-2012). **Revista EURE - Revista De Estudios Urbano Regionales**, 42(126). 2016.
- LÉFÈBVRE, H. **A produção do espaço**. Original: La production de l'espace.1991; 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2008.
- LENCIONI, S. Urbanização difusa e a constituição de megarregiões. In: **e-metropolis: Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**. Rio de Janeiro, p. 6-15, 2015.
- LITTLE P. Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global. In: **Tellus**. Ano 2, n.3, p.33-52, Campo Grande, out. 2002.
- MCCARTHY, J. Rural geography: globalizing the countryside. **Progress in Human Geography**, 32: 129-37, 2008.
- MAYER, J. **Raízes e crise do mundo caipira: o caso de Nova Friburgo**. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2003.

QUIJANO, A. Colonialidad y Modernidad-racionalidad. In: BONILLO, Heraclio (comp.). **Los conquistados**. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, pp. 437-449, 1992. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

RUA, J. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **CAMPO-TERRITÓRIO: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006.

_____. Preço da terra: uma marcante urbanidade no rural na fase atual da organização do espaço geográfico. Artigo apresentado no **II Simpósio Internacional Metropolização do Espaço, Gestão Territorial e Relações Urbano-Rural**, 3 a 8 de novembro de 2014. Disponível em: http://media.wix.com/ugd/46d988_7cado8ab1cbb41ba821ea9acf4a75363.pdf. Acesso em: 27 de junho de 2016.

SALAZAR, A., HIDALGO, R.; PAÉZ, P. Ruralidad y expansión residencial: movilidad y funcionalidad en el periurbano emergente del área metropolitana de Santiago de Chile. In: Lencioni, S. Vidal-Koppmann, R. Hidalgo, P. Pereira, Editores. **Transformações sócio-territoriais nas metrópoles de Buenos Aires, São Paulo e Santiago**. Brasil, Chile y Argentina, 19, 2011. p. 205-224. 978-85-88126-98-3.

SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 21: 7-14, ago., 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613/26350>. Acesso em: 10 de agosto do 2019.

SASSEN, S. A Sociology Of Globalization. **anal.polit.**, Bogotá , v. 20, n. 61, p. 3-27, Dec. 2007. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S012147052007000300001&lng=en&nrm=iso. access on 16 Sept. 2019

SIMONI, J. **Múltiplas escalas de transformação nas relações urbano-rurais**: o espaço rural friburguense e suas urbanidades impulsionadas pelas técnicas de informação e comunicação. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2019.

THOMPSON, J. B. Comunicação e contexto social. In: **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, cap. 1, p. 19-46.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

WENTZEL, M. Como a corrida mundial pelo processamento de dados pode 'colonizar' o Brasil e outros países? **BBC News Brasil**. 13 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49981458>. Acesso em 14 de outubro de 2019.

Recebido em 13 set. 2020,
aceito em 20 set. 2020